

## ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS DA FILOSOFIA QUE ATUAM EM PROJETOS

Com o objetivo de cartografar uma parte das múltiplas formas de trabalho com a Filosofia no estado do Ceará em nossa atualidade, a revista *Dialectus* organizou, através dos editores desta edição, Antônio Alex Pereira de Sousa e Paulo Willame Araújo de Lima, um conjunto de entrevistas com múltiplos(as) professores(as) e profissionais que têm a Filosofia como meio de trabalho. Sabemos que as pessoas convidadas e entrevistadas não contemplam toda a diversidade de experiências que se dão na “Terra da Luz”, mas elas podem proporcionar uma significativa compreensão de como está sendo trabalhada a Filosofia dentro e fora da sala de aula. Neste bloco estão presentes as falas de pessoas formadas em Filosofia, em níveis diferentes e instituições diversas. Após o retorno da Filosofia para o currículo escolar e após uma pandemia, esta sequência de entrevistas desperta uma curiosidade importante: onde estão as(os) filósofas(os) quando não estão ensinando Filosofia na Educação Formal? Desejamos uma boa leitura e que os ditos e escritos aqui presentes possam fomentar reflexões e criações em torno da presença da Filosofia no Ceará e no Brasil, para além da sala de aula tradicional. Abaixo, seguem os nomes das(os) professoras(es) entrevistadas(os)<sup>1</sup>:



*Lucas Dilacerda*

Curador e Crítico de Arte em equipamentos culturais do Ceará.

**Mais informações:** @lucasdilacerda

<http://lattes.cnpq.br/5909467713679553>



*Paulo Jorge Leandro*

Professor de Filosofia e artista palhaçaria, performance e terapia.

**Mais informações:** @paulojorgeleandro

<http://lattes.cnpq.br/6334128861549349>

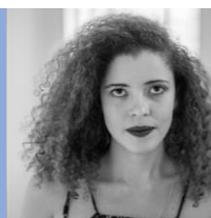


*Paulo W. Lima*

Arte-educador, produtor cultural e professor de Filosofia em projetos.

**Mais informações:** @paulo.w.lima

<http://lattes.cnpq.br/0724572310142273>



*Raquel R. Rocha*

Professora de Filosofia com atuação artística na dança e podcasts.

**Mais informações:** @raquelroch

<http://lattes.cnpq.br/6933033692361358>

<sup>1</sup> Ao final das entrevistas o leitor pode conferir o currículo completo de cada entrevistado.

**ENTREVISTA**

*Fala um pouco da sua trajetória no Ensino de Filosofia e de como esta atuação se relaciona com a criação e/ou realização de projetos (sejam eles artísticos, culturais ou sociais). Existe influência direta da Filosofia na sua prática profissional com projetos?*

**Lucas:** O meu contato com a filosofia surgiu no ensino médio, que eu fiz integrado ao curso técnico no IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. O IFCE possui um projeto pedagógico de colocar o estudante do ensino médio em diálogo com o estudante universitário. Por isso, logo no ensino médio, eu tive a oportunidade de conhecer as licenciaturas em teatro e artes visuais, e comecei a conviver com os estudantes universitários e passei a estudar os livros das suas bibliografias, que eram sempre recheadas de diversos livros de filosofia contemporânea.

A partir desse contato, eu decidi fazer o curso de licenciatura em filosofia na UFC – Universidade Federal do Ceará. O meu desejo era estudar a arte do ponto de vista filosófico. Entretanto, na UFC, eu acabei conhecendo outras áreas – tais como a lógica, a metafísica, a epistemologia, a ética, a política, a estética etc. – e ampliei os meus desejos de estudo e possibilidades de olhar para a arte através de diversas perceptivas.

Durante a licenciatura em filosofia, eu pesquisei como ensinar filosofia para o público específico dos artistas e profissionais do campo da cultura, tais como críticos, curadores etc. O meu desejo era ser uma ponte entre a filosofia e a arte, de modo que nesse encontro a filosofia transformasse a arte, e a arte transformasse a filosofia.

O meu ensino de filosofia é praticado no diálogo entre filosofia e arte. A arte não como uma ilustração de um conceito filosófico, mas a arte como provocadora de problemas que forcem o pensamento a pensar e criar novos conceitos.

A arte é um modo de conhecimento do mundo, ela também é um modo de pensar a realidade assim como a filosofia. Entretanto, a arte não produz conhecimento e pensamento do mesmo modo que a filosofia, pois a arte pensa o mundo a partir das sensações e o seu conhecimento é expresso em cores, linhas, movimentos, vibrações, materialidades etc.

Por isso, todos os meus projetos artísticos são exercícios de leitura do contemporâneo. A arte consegue captar forças que são invisíveis aos olhos de muitos filósofos. Por isso, o meu interesse é conectar a filosofia com a arte a fim de que – juntas - elas possam construir uma crítica do presente.

**Paulo Jorge:** Bem, meu percurso filosófico somente alcançou um certo grau de maturidade quando iniciei minha jornada como professor de filosofia, seja pelos estágios de docência seja propriamente com o cargo de professor assumindo turmas e cursos na educação básica em instituições particulares e públicas. Na graduação em filosofia já havia me consolidado de modo duplo, ou seja, fazendo artes nas linguagens do teatro, performance, cinema, dança e poesia; e filosofando com pesquisas em Sartre, Deleuze e Guattari. Levei tudo para a dimensão de processos de criação, algo que acentuou bem minha postura singular como pensador e que me proporcionou, consideravelmente, atuar no ensino de filosofia artisticamente, dentro do que assumi, a partir de Charles Feitosa e Luís Orlandi, como a arte de aprender e ensinar filosofia com arte. Obtive uma realização plena no ensino de filosofia quando passei a ensinar filosofia

com crianças. Foi a grande transformação da minha vida, principalmente como professor e filósofo, pois precisei literalmente torcer as palavras e modo de pensar que antes ainda muito acadêmico e que ao experienciar por 4 anos essa atividade de professor no fundamental i e ii, pulverizou uma gama de pensamentos e afetos germinadores de potenciais criadores no fazer artístico-filosófico. Aprendi novas formas de expressão criadora como a narração de histórias e a escrita de livros e contos infantis. O conceito spinozista de alegria fez morada em meu ser e instaurou-se em tudo o que fazia. A quarta parede fora totalmente superada e passei a me assumir como artista-filósofo. Desde então, tudo era criação de afetos, pensamento, relacionamentos ao ponto de não dissociar mais arte e filosofia, algo que dura até os dias atuais. Fazer arte com filosofia e filosofia com arte. Meu TCC de bacharelado foi Sartre e o Cinema na Nouvelle Vougue, minha dissertação de mestrado foi, Deleuze, Guattari e Kafka, participei da produção do curta metragem Parada errada, junto às crianças envolvidas no projeto Crescer com arte, pela prefeitura de Fortaleza, atuei ainda na graduação em performance com Marcelo Bittencourt – corpo e crueldade. Posteriormente, já como mestre em filosofia e professor da rede básica de ensino, produzi na linguagem da palhaçaria os espetáculos - Musiclow, com Luan F. Leandro; Los niños, e na dança-performance cênica, Zaratustra Incorporais, Zaratustra estrangeiro, Zaratustra em busca de... . Passei a escrever contos infantis que levei também para as narrações de história, como a coletânea, encantos da floresta composta por: As aventuras de Filo e Sofia na floresta encantada, As aventuras de Filo e Sofia na caverna mágica, O menino e o beija-flor, João e a lua prateada e O menino dos pés d’água. Este último, escrito em São Paulo. Nesta mesma cidade, foi criado o trabalho: E o Palhaço o que é? E as oficinas com crianças envolvendo corpo-pensamento na palhaçaria. Meu último trabalho, ainda incompleto, é um romance intitulado Um café para o Sr. Jucôso, que se ambienta na cidade de Fortaleza, durante a Belle Époque. Tudo isto me levou a um filósofo que pudesse arcar com tamanhas peripécias artístico-filosóficas: Henri Bergson. Com o qual entrei no doutorado em filosofia da UFC com o projeto: arte e mística, um problema de expressão.

**Paulo W.:** A minha trajetória com o Ensino de Filosofia através de projetos se confunde com minha história com a Filosofia, de modo geral. Por inúmeros motivos. Indico aqui os principais: eu nasci e fui criado em uma comunidade eclesial de base (CEB), na periferia de Messejana, com famílias e tradições ligadas ancestralmente e contemporaneamente ao sertão cearense. Sempre fui muito ativo nesta comunidade sincrética, desde criança, de modo que com 11 anos de idade fui convidado para compor a coordenação do Grupo de Base da Pastoral da Juventude da comunidade. Este grupo – que existe ainda hoje com quase três décadas de história – tem por nome “Jovens Unidos São Capazes de Mudar O Mundo”. Depois que conheci Marx, e sua chamada para a união da classe trabalhadora, não pude evitar a feliz proximidade entre a máxima presente do Manifesto do Partido Comunista com o nome do grupo de base da Comunidade Santíssima Trindade (padroeira da minha comunidade – outro gatilho filosófico que pra mim faz todo sentido, desde que descobri na academia as reflexões filosóficas, políticas e históricas que a Dialética suscita e de sua íntima relação – no campo teológico e filosófico – com o mistério da Santíssima Trindade (como é notável em autores como Santo Agostinho de Hipona, Georg. W. F. Hegel e Soren Kierkegaard, por exemplo). Meu compromisso com o Ensino e com a Filosofia – independentemente, e com o ensino de Filosofia – de modo

específico tem relação direta e íntima com minha formação espiritual e política (que são uma só manifestadas de várias formas) nas CEBs. Uma outra relação muito real entre o ensino de Filosofia e minha trajetória com projetos passa pelo meu primeiro contato com a Filosofia enquanto disciplina, área de conhecimento, estudo e pesquisa. E isto se deu antes de eu chegar no Ensino Médio da escola pública. Ainda no ensino fundamental eu frequentei o programa Conversas Filosóficas, no Centro Cultural Banco do Nordeste/CCBNB, por convite de minha prima Gleicilene Lopes, recém graduada na Licenciatura em Filosofia pela UECE também. Esses encontros do CCBNB eram realizados com a exibição de um filme, uma pausa pro lanche em mesa posta e depois uma palestra de um intelectual seguida de um debate sobre o filme. Geralmente esse intelectual convidado era professor das humanas, quase sempre de Filosofia. Quando eu cheguei no Ensino Médio, uma das maiores expectativas era a respeito das aulas de Filosofia, exatamente por conta das reflexões e das memórias afetivas criadas durante os encontros do projeto Conversas Filosóficas. Obviamente as expectativas foram frustradas pela realidade adversa do Ensino de Filosofia nas escolas públicas dos idos de 2008-2011. Professores sem formação adequada para lidar com a sala de aula, disciplina ainda se readaptando ao fato de ter retornado ao Ensino Médio recentemente, a falta de valorização da disciplina por parte das gestões escolares, a quantidade mínima de aulas por turma, a falta de ânimo de professores para ocupar a escola com proposições... O compromisso que assumi comigo mesmo ao escolher o Ensino de Filosofia como profissão foi, em uma frase, poder dar a aula que eu sempre esperei ter e nunca tive na Educação Básica. A minha trajetória profissional no campo dos projetos tem relação direta com as metodologias educacionais e com as estratégias políticas de ocupação da escola, as quais eu acredito que um bom professor de Filosofia deve estar atento e atuante.

**Raquel:** Comecei minha trajetória de fato com o ensino de filosofia em 2010 quando fui chamada para dar aulas no ensino médio de uma escola profissionalizante em Redenção, no interior do Estado. Eu lecionava, oficialmente, Filosofia e Sociologia e por conta de projetos extracurriculares como preparação para o Enem e preparação para o SPAECE eu também dava aulas de história e produção textual. Antes de 2010 eu não tive nenhuma outra experiência com ensino de filosofia, pois na graduação, por fazer bacharelado ao invés de licenciatura, eu não cheguei a fazer as disciplinas de estágio. As disciplinas de licenciatura que fiz foram relativas a psicologia evolutiva, didática e teorias do ensino. Após 2010, com meu ingresso no mestrado acadêmico em Filosofia em 2013, fiz mais disciplinas sobre didática e estágio docência, nesse período pude aprender melhor sobre a experiência de sala de aula no ensino superior e as questões que a acompanham, como por exemplo: montar uma disciplina, pensar a ementa, referências, preparar aulas, etc. Além do estágio de mestrado, também fiz estágio docência no doutorado e durante o meu pós-doutorado ministrei disciplina junto a dois professores no mestrado em Humanidades da Unilab e também ministrei um curso de extensão sobre dança do ventre e filosofia. O curso de extensão, em especial, me trouxe a possibilidade de propor um novo modo de ensinar filosofia e também de incluir aspectos práticos dentro da teoria filosófica.

Vou me deter aqui em falar sobre o curso de extensão, pois ele é o ponto de interseção que eu buscava entre o ensino de filosofia e o ensino e prática de dança do ventre. Por ser professora de filosofia e também dançarina e professora de dança do ventre, eu resolvi no pós-

doutorado pensar a filosofia sob um ponto de vista internacional e interdisciplinar, aliando os conceitos de cuidado de si, poder, subjetividade, estética da existência, feminismo e a dança do ventre como ponto de partida para que as mulheres acessem ao feminismo em prática e teoria. Nesse sentido, as aulas de filosofia também se transformaram em aulas de dança e vice-versa. Em paralelo ao curso de extensão e como forma de ampliar a minha pesquisa e ter meios financeiros para poder me manter no pós-doutorado, criei o curso Poéticas do Ventre. Um curso livre voltado para o ensino de dança do ventre com o intuito de promover a conexão entre as mulheres e seus corpos, bem como estabelecer um relacionamento saudável consigo mesmas e com o próprio ventre. No curso das Poéticas, também abordo questões filosóficas ligadas às questões de gênero, cuidado de si, patriarcado, o corpo como modo de expressão e pensamento, a dança como fazer ético e estético de si. Embora sejam parecidos, há algumas diferenças entre o curso de extensão, intitulado Dança do ventre e feminismos decoloniais, e o curso Poéticas do ventre - cujas edições são realizadas em parceria com o Theatro José de Alencar, em Fortaleza.

A meu ver, a principal diferença entre os dois cursos é a forma como abordo as questões filosóficas e o modo de ensino da filosofia. Me explico: O conteúdo do curso de extensão foi pensado e direcionado para aulas teóricas e práticas, no primeiro momento da aula eu tratava da teoria, conceitos filosóficos, debate com as alunas, no segundo momento tratava da dança, aquecimento do corpo, ensino de fundamentos e passos básicos de dança do ventre; ao final da aula reservada tempo para dialogar com as alunas sobre as suas percepções e as conexões entre o conceito e a prática de dança a partir dos conceitos filosóficos. Já no curso Poéticas do ventre, não há o momento de teoria e conceituação filosófica, introduzo os temas filosóficos na medida em que a aula acontece, entre as explicações de execução de movimentos de dança e as percepções do corpo e dos momentos de bate papo entre um movimento e outro, é nesse momento onde vou puxando os temas mais filosóficos, incluindo a auto percepção, conceitos de justa medida, aprendizado pela experiência do corpo, etc. Meu público em ambos os cursos também é diferente, o que requer de mim pensar metodologias diferentes, na Unilab meu público foi formado por mulheres estudantes de graduação, no Poéticas do ventre trabalho com mulheres das mais diversas idades, experiências e profissões.

As diferenças de público, local e metodologia, me mostram a cada aula/prática como é possível dispor de ferramentas diversas para o ensino de filosofia, seja a dança, rodas de conversa, seja sala de aula, palestras, podcast. Tornar a filosofia acessível e seu ensino valorizado requer de nós, professores, disposição em pensar fora do habitual do ensino e incluir a filosofia nas atividades do dia a dia e, em especial, no fazer artístico e cultural.

*Para você, qual ou quais espaço(s) profissionais um licenciado em Filosofia pode atuar a partir da sua formação? Quais foram as potências e as limitações que você encontrou na sua formação para o ensino de Filosofia que reverberaram no início de sua atuação com projetos ou ainda reverberam em sua atuação?*

**Lucas:** Um licenciado em filosofia pode atuar em todos os espaços onde houver vida. Para mim, a filosofia não está restrita às quatro paredes, sejam as da sala de aula, da universidade ou do gabinete. Porque a filosofia está diluída na vida: nos encontros, nos afetos, no mundo.

Quando olhamos para a história da filosofia, vemos que o seu modo de expressão se transformou ao longo da história. A filosofia já foi a arte da poesia. Parmênides escreveu poemas. A filosofia já foi a arte da literatura. Platão escreveu diálogos. A filosofia já foi a arte de viver. Diógenes preferiu viver a filosofia em vez de escrevê-la. A filosofia já foi a arte da conversação. Agostinho escreveu confissões. A filosofia já foi a arte da experiência vivida. Descartes escreveu o seu cotidiano. Quando olhamos para a história da filosofia, vemos que a filosofia já se expressou de diversos modos. Por isso, achar que – hoje – o único modo de expressão da filosofia é o artigo acadêmico é um grande equívoco.

A filosofia não pode estar restrita ao espaço institucional da universidade, porque ela extrapola os seus muros e se dilui por toda a vida. E a filosofia não é apenas uma busca pela verdade, ou uma argumentação dos fundamentos da ciência, ou uma análise dos problemas iminentes à própria linguagem, mas a filosofia também pode ser um modo de vida. Ela pode ser todas essas possibilidades e muito mais. Entretanto, a filosofia é – antes de tudo – um chamado da vida para a vida. A filosofia nasce para responder os problemas que a vida nos coloca. Por isso, o filósofo pode atuar em qualquer lugar onde a vida chamar.

Nesse sentido, a formação de um filósofo deve ser diversa e transdisciplinar, que passa por problemas de ordem econômica, jurídica, ambiental, linguística, social, subjetiva, artística etc.

No meu caso, eu sou um filósofo que atua na arte, que desenvolve projetos artísticos que buscam produzir um conhecimento do contemporâneo. Eu encontro na curadoria um espaço de diálogo com a produção artística a fim de construir uma crítica do presente.

365

**Paulo Jorge:** Projetos Sociais da Prefeitura e do Estado, Centros de medida sócio-educativas, abrigos sociais, escolas de educação básica e de ensino médio, particulares ou públicas. Institutos de cultura e arte. Tive imensa dificuldade com a questão da estruturação. Tipo, a gente precisa estruturar um plano anual de curso e, depois um plano trimestral, e depois um plano bimestral e depois um plano mensal e depois um plano semanal e depois um plano de aula. Muito chato isso!!! Nooossa. Mas a minha dificuldade não era na questão somente do plano, mas no que eu tinha que fazer e me desdobrar para todos estes planos de curso estivessem em consonância um com o outro. Quase que numa relação de determinação. Pois o que guia, verticaliza todos os planos é o plano de curso anual conforme as diretrizes da escola ou do instituto que se trabalha. É de imensa importância todos estes trabalhos até para nos deixar protegidos de algum problema que porventura apareça, e sinceramente, sempre aparece. Então a boa articulação entre planos que envolvem um curso é necessária e importante, nos ajuda muito até mesmo a organizar. Mas minha vida nunca girou em torno do plano de organização. Minha vida sempre foi dentro do plano de composição ou do plano de imanência, aquilo que Bento Prado também designou em Bergson de plano transcendental. Um plano que não é dado a priori, nunca é predeterminado, e se compõem por variadas forças diferenciais em situação de contato-contágio. Forças heterogêneas onde o único tesão que sugerem nessa zona de aproximação diferencial e a-significante é o da criação. Processos múltiplos de criação que se instauram em sua virtualidade emergindo na abertura de uma nova expressão do ato livre no mundo, ou seja, pura necessidade de criar algo novo. Entendem agora por que o plano de organização mais me desestrutura do que me estrutura. Porém, sei da importância dele e para

onde quero chegar e o quanto eu quero me desenvolver, é preciso atuar dentro deste plano organizacional de acordo com as estruturas. Dentro de minha formação stricto sensu, a única potência que pude conectar e me foi aberta em uma relação humanizada foi com Eliana Sales Paiva e Expedito Passos, ambos da UECE, bem como com o professor Romero Venâncio. Todos eles até hoje, de algum modo, ainda me são importantes, pois marcaram minha formação universitária no que tange processo de criação em filosofia com arte e suas veredas expressivas. Eles tinham muito tato em lidar com tipos psicossociais específicos como eu que produzo “fora da caixa”. Se existe uma potência esta é a dos encontros. A potência dos encontros potentes, germinadores de ideias, afetos, e produtores de expressão e efetivação no mundo das coisas, das pessoas, das estruturas. Enfim, no mundo da vida, como quer a fenomenologia. Assim como ela e eles foram comigo, também procuro ser com as e os estudantes. Essa é a grande chave. Os encontros potentes que te ajudaram a se compor também são os que ajudarão outros a se compor. Tudo matéria de composição. Uma verdadeira aula de música essa história de viver nas bordas da singularidade. Hoje, meu encontro é com minha orientadora, Ursula Matias. Com ela a composição é sutil, somente um olhar e tudo está dito, um gesto. As peles, quando se aproximam mutuamente, enfim, o tempo parece realmente se expandir quando estou com ela, e as ideias logo surgem de modo a brincar num parque... A gente se compõe muito mais nas potencialidades virtuais de vibração heterogênea do que por diretrizes. Efervescências.

**Paulo W.:** Assim como “o lugar da mulher é onde ela quiser”, o lugar do licenciado é onde ele quiser e conseguir ocupar. Com isso não quero dizer que todo graduado para o Ensino de Filosofia está apto para quaisquer funções paralelas, transversais ou longínquas da Filosofia dita “pura”. Na verdade dos fatos, tem pessoas que têm diploma, mas não tem abertura necessária para a sala de aula. Esta sensibilidade, esta porosidade – como se fala no teatro de rua – não é dom ou talento. É tecnologia social, metodologia pedagógica, imperativo moral em respeito à/ao estudante e suas referências de mundo, sua bagagem prévia à sala de aula. O professor de Filosofia pode atuar em vários espaços profissionais, inclusive nos projetos sociais e/ou culturais, mas só seus conhecimentos desenvolvidos na academia não serão suficientes para dar conta dos desafios e das cruezas que o mundo profissional extra-sala exige. Por outro lado, se em sala não se desenvolve uma aula que leve em consideração este mundo extra-sala, de que serve uma aula de Filosofia no Ensino Médio, por exemplo. A filosofia – mesmo a dita “metafísica” – só tem sentido quando imersa na imanência das relações intramundanas.

Eu tracei um caminho profissional que me habilita – enquanto currículo – a atuar na rotina de um escritório, de um sistema financeiro, publicidade/marketing, direitos humanos ou de uma sala de aula. Por um lado, minhas escolhas me habilitaram também para atuar com arte-educação, curadoria, produção cultural, criação artística e acessibilidade cultural de diversas linguagens como Teatro, Dança, Audiovisual, Música, Artes-visuais/Artesanato... Por outro lado, não se trata apenas de minhas escolhas. Para poder escolher por um currículo diverso e multifacetado eu tive oportunidades as quais consegui acessar. Política de Estágios remunerados em equipamentos de cultura, políticas públicas de bolsa de iniciação à docência, de permanência de estudantes de baixa renda na universidade, fora o apoio moral e financeiro de parentes. Se temos professores – e não só de Filosofia; de todas as áreas – que não conseguem se deslocar da sala de aula para pensar e praticar outras formas de construir e compartilhar seus

conhecimentos, isto não é um problema pessoal. É um problema social que as graduações vivenciam e que precisam se debruçar sobre ele. Dou um exemplo: eu atuo em projetos sociais e culturais promovendo acessibilidade em LIBRAS e Audiodescrição, através do Coletivo Transpassando e do Coletivo Kintal de Afetos. Mas faço isso porque tive formação de LIBRAS no Centro Estadual de Referência em Educação Especializada – CREAECE e porque tive formação de Audiodescrição pelo Museu da Cultura Cearense – MCC, onde fiz estágio como arte-educador. A universidade em si nunca me ofereceu cursos nessas áreas. Nunca considerou que eu poderia em algum momento da minha vida profissional ter um estudante surdo ou uma estudante cega acompanhando as aulas. Nessas horas, fica nítido que as opressões e exclusões sociais - as quais lutamos diariamente contra - são tão estruturais que os silêncios para com certas pautas e movimentos é alarmante. Impuseram uma reforma no Ensino Médio sem sequer considerar as reais demandas e compromissos sociais que atravessam todos os envolvidos. Esta reforma (danosa) do Ensino Médio tem reflexo direto na atuação dys professorys em sala. Se as universidades nunca se preocuparam em formar profissionais interdisciplinares e transdisciplinares, como cobrar qualidade nesta entrega sem sequer garantir um sistema de contratação digno e um plano decente de formação continuada?! E de modo complementar: se professorys dos cursos de Licenciatura não têm passagem pelo chão da sala de aula da Educação Básica, se não tem experiências diversas no campo da Educação (formal, não-formal e informal), como irão contribuir significativamente na formação de novys professorys? Precisamos falar sobre as limitações e potências das universidades e de como as licenciaturas precisam se atualizarem em seus percursos formativos.

367

**Raquel:** Por não ser licenciada, não tenho como responder essa questão de modo aprofundado. Penso que para além do ambiente escolar tradicional, o profissional licenciado em filosofia pode trabalhar com pesquisas voltadas para órgãos públicos na montagem de exposições, programações educativas em centros culturais, por exemplo. Penso nesses espaços por já ter feito trabalhos de produção cultural onde minha formação em filosofia foi de grande expertise. O fato de sermos limitados a instituições de ensino e de sermos condicionados para pensar que só temos essa via para atuação profissional, faz com que não tenhamos dimensão de que podemos ocupar outros espaços, principalmente espaços de arte e cultura. Contudo, cada vez temos mais consciência da importância da filosofia em outros ambientes, em especial locais voltados para difusão de cultura e arte. Outro local onde os profissionais de licenciatura têm chance de atuação é no meio audiovisual com canais no youtube e podcast. O podcast Perdidos na Paralaxe, do qual sou uma das hosts, é um exemplo de atividade de filosofia no qual os profissionais licenciados podem se encaixar. Nosso podcast é voltado para apresentar o olhar filosófico da cultura pop, com isso buscamos sempre promover a filosofia sob um ponto de vista acessível, desmistificando a ideia da filosofia ser algo quase inalcançável para a maioria das pessoas. Isso só é possível por contarmos com profissionais da filosofia e da psicologia, sociologia, comunicação que compreendem o pensar filosófico para além de conteúdos de sala de aula.

*Quando a Filosofia sai de seu modo de ensino usual, a sala de aula das escolas e universidades, e passa a ocupar espaços diversos como criações artísticas, acadêmicas, produções culturais ou intervenções sociais em comunidades, parece ser imperativo o*

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 12	n. 29 (especial)	2023	p. 360 - 377
--------------------------	--------	------------------	------	--------------

*desenvolvimento de metodologias próprias de adaptação ou até de expansão do fazer filosófico e de seu ensino, por ocasião do projeto contextualizado. Neste sentido, quais recursos, referências e práticas político-pedagógicas te ajudam a realizar os projetos aos quais você se envolve?*

**Lucas:** Antes de tudo, precisamos reconhecer que estamos passando por uma crise da crítica. A filosofia enquanto uma atividade de pensamento e conhecimento da realidade é por natureza uma atitude de crítica, de leitura e de diagnóstico do presente. Entretanto, atualmente estamos vivendo uma crise da própria crítica, em que essa atitude está cada vez mais sendo despotencializada e tendo a sua energia vital capturada pelos poderes instituídos a fim de drenar e aprisionar as suas forças criativas.

Para mim, enquanto a filosofia ficar restrita às quatro paredes da sala de aula, da universidade e do gabinete, ela estará fadada a ser refém das armadilhas dos poderes que sugam a todo instante a sua energia vital, provocando assim uma crise da crítica. Para vencermos essa batalha, a filosofia precisa sair dos seus muros e quebrar a quarta parede, fazendo o vento soprar e arejar com novas possibilidades.

A arte é uma maneira de reenergizar e revitalizar o pensamento filosófico que se encontra em crise. A arte é um adubo para fertilizar as forças criativas da filosofia que encontram-se anêmicas. Por isso, faz-se necessário que a filosofia teça novos diálogos com o arte. E é isso que eu tenho tentado fazer nos meus últimos anos de atuação como filósofo.

Para isso, eu precisei inventar novas metodologias para expandir a filosofia para além dos seus muros. Uma das metodologias que eu mais me identifico é a curadoria.

A curadoria é uma teia de relações que eu construo com diversas obras de arte que, em relação, elas me permitem visualizar sintomas do contemporâneo. A arte é um modo de conhecer o contemporâneo por meio da sua sensibilidade aguçada, que muitas vezes percebe movimentos imperceptíveis aos olhos do filósofo acadêmico. A curadoria é uma metodologia de agrupar obras que – juntas – nos fazem perceber os sintomas do presente e revelam pistas de possíveis caminhos para enfrentá-los.

**Paulo Jorge:** Essa pergunta é a cara do Paulo Lima, meu amigo, colega de pesquisa. Sartreano da gema. Os recursos de um professor de filosofia fora da caixa, literalmente, ou seja, fora do espaço acadêmico ou da sala de aula no ensino básico e médio, são todos menos os da filosofia. Esses são momentos em que você olha para sua disciplina de matéria a qual se formou e vê um grande fosso, descaso, com este tipo de realidade outra que envolve metodologias fora da caixa. Se Michel Foucault inaugura a contemporaneidade arquivo-genealógica com a seguinte frase: a filosofia é uma caixa de ferramentas. Eu posso dizer, de outro modo, mais indígena, mais dentro de minha experiência Huni Kuin e com meu povo Urubu Kaapor, que é necessário metodologia outras diferentes da filosofia e diferenciais em si. Posso afirmar então, dentro do pensamento indígena, que a filosofia é a arte de ferramentas sem caixa alguma. Ou a arte dos brinquedos sem baú. A quarta parede já se desvaneceu e só ficou a floresta de pé! Tudo que puder ser conectado e que esteja ali à disposição da filósofa ou da professora de filosofia pode e deve ser produzido, fabricado ou simplesmente desterritorializado e reterritorializado. Quando utilizamos, por exemplo, um modo comum de tempo cronológico ou um modo estabelecido dos corpos se comportarem em outros espaços, é tudo a mesma caixinha de gente

limitada e que ganham dinheiro com isso. É um mapa. Porém quando atuamos no tempo sinuoso que oscila e timbila entre as sincopadas batidas das personalidades, estamos vivendo a instauração de outros eus dentro de uma percepção expandida de corpo onde não se mapeia o cognitivo de aprendizagem, mas se cartografa os desejos, os afetos, as idéias potencializadoras do novo. Muito difícil para uma professora ou um professor que nunca viveu realmente as fissuras do desejo em sua formação querer uma outra metodologia senão aquela que ela ou ele fez bom uso para ganhar o seu dinheiro e ter o seu diploma. É preciso muita abertura mas também está atento e forte para não temer as metodologias já estabelecidas e estabelecidos, bem como o para não cair no besterol pós-moderno, ou nos deusleuzianismos blasè, no verborrágismo zezekista, entre tantas outras coisas que vemos por aí. No fim das contas o que quero dizer é que precisa de desconstruir para se reconstruir de outros modos. Nossa área é de humanas, tudo que a gente toca, estuda, nos modifica de algum modo. E precisamos estar abertos para outras áreas do conhecimento, com outras metodologias diferentes da nossa para podermos compreendê-las e se necessário, criar a partir destes encontros de modo potente mas também resistente a fim de continuar a viver . Há toda uma prudência. Principalmente quando se está na responsabilidade de uma turma ou de uma escola que vai a outros espaços. É necessário o saber espacial contextualizados, Sim! Imprescindível. Mas também, o tempo como duração e impulso vital . A prudência é a arte das oscilações entre essas partes que envolvem o misto da vida. O duplo artaudiano.

**Paulo W.:** Sim! Novas formas de atuar com a Filosofia – estando ela direta ou indiretamente na prática diária do novo espaço – requerem novas metodologias de atuação ou (se quisermos nomear em diálogo com uma perspectiva contemporânea) requer novas tecnologias ou novas aplicações ou adaptações de técnicas antigas. Em minha sala de aula – seja trabalhando diretamente com a Filosofia ou seja ministrando aula sobre Acessibilidade, sobre Teatro, sobre Produção Cultural ou qualquer outro assunto – eu parto do pressuposto que não há conhecimento que se construa de forma isolada. Tudo é contexto e de algum modo, em algum momento, os conhecimentos nos atravessam em nossa vida prática. A função do professor – especialmente o Professor de Filosofia – é professar a possibilidade da relação e acompanhar o estudante na descoberta e na travessia das encruzilhadas do saber. Dou um exemplo: David Hume fala de probabilidade lógica a partir do Cisne. Em uma comunidade periférica, sertaneja ou LGBT+ que nunca viu um cisne pessoalmente faz sentido usar este exemplo para desenvolver um conceito ou uma problemática filosófica? Do ponto de vista de uma pedagogia contextual, não. Não faz sentido. O conhecimento, como diz o nosso Patrono da Educação Brasileira – Paulo Freire, é antes de tudo, conhecimento de mundo, leitura de mundo. Se um educador não está atento a isto e sensível ao diálogo com os conhecimentos de mundo de cada pessoa de sua turma, dificilmente este profissional conseguirá mergulhar mais fundo no fazer genuíno de uma Educação Transformadora e Libertadora. Se uma turma não se percebe nem se reconhece capaz de criar, de propor, de comparar e de contrariar, ela dificilmente conseguirá perceber e reivindicar seu lugar de agente social; muito menos conseguirá se articular coletivamente em suas ações. A arte e a cultura, para mim – enquanto educador – são exatamente esses dispositivos de recriação dos mundos possíveis e – como alega Ângela Davis – de transformação social.

**Raquel:** Na elaboração das minhas aulas de dança-filosofia e roteiros do podcast, em especial, eu busco sempre misturar os referenciais conceituais de teoria filosófica, com elementos do cotidiano e da cultura em geral para poder criar uma linguagem/ metodologia possível e acessível. Parto sempre do ponto de vista que a comunicação deve ser acessível para todos que estão envolvidos nas aulas ou vivências dançantes e nos ouvindo também. É sempre uma questão de se posicionar de modo acessível, mas sem perder o rigor teórico, é olhar para o cotidiano de modo filosófico e retirar dessa experiência os pontos de partida para constituir uma outra metodologia. Como diz o filósofo Fran Alavina: “É ser simples, sem ser simplório”, isto é, pensar de modo prático e acessível, mas sem perder o rigor teórico para tal.

*A Formação continuada e a pesquisa são duas importantes ações para o fortalecimento do ensino, especialmente o de Filosofia. Contudo, as formações continuadas costumam ser muito localizadas em temas e público-alvos específicos como, por exemplo, o ensino de Filosofia em contexto escolar. O que você sabe sobre a questão? Como seria uma formação continuada que contribua para uma prática profissional na criação de obras ou cenas nos centros e espaços culturais, nas comunidades religiosas, periféricas, dentre outras? Em que medida essa prática se soma à realizada em sala de aula ou vice-versa?*

**Lucas:** É urgente a implementação de formações que colaborem para a inserção do filósofo em outros ambientes de atuação que não apenas a escola, e que possibilite o filósofo atuar no campo da cultura e dos projetos sociais. Essa formação pode acontecer por meio da implementação de disciplinas na graduação em filosofia, mas também na formação continuada e na pós-graduação.

O filósofo precisa atuar em mais campos que não apenas a sala de aula. E não apenas por uma questão de empregabilidade para esse profissional, mas também pela construção de um mundo com justiça social. Para isso, é importante que o filósofo atue nos diversos campos do mundo, seja na economia, no jurídico, na cultura, na arte etc.

No caso do campo da cultura, o filósofo precisa aprender o vocabulário estatal e se apropriar da ferramenta dos editais, projetos de fomento, captação de recursos etc. O filósofo pode inventar, fabular e criar diversos projetos para serem executados em diversos setores da sociedade.

**Paulo Jorge:** Prioritariamente uma formação que fosse prioritariamente pensada a partir dos Povos Indígenas, quilombolas, africanos ou de matriz africana, franciscana etc. Não são as e os professoras e professores que vão realizar estas formações continuadas interculturais com suas ferramentas já prontas advindas da academia e da escola institucionalizada. Não! De jeito maneira. Há que se fazer formação continuada a partir do protagonismo destas próprias outras culturas e ancestralidades emergentes. São estes grupos que propõem, são eles que realizam metodologias próprias. Os professores são somente pontes. Já dizia Nietzsche, somos todos pontes (Zaratustra). Assumir a postura de ser ponte não é fácil e nem cômodo. Mas é retirar-se do caminho...ou seja, tirar o no ego e toda essa roupagem capitalística, capitalocena para não atrapalhar a resistência. NÃO ATRAPALHE! Primeira regra da esquizoanálise.

**Paulo W.:** A LDB enquanto regimento maior da Educação brasileira já prevê alguns dos temas urgentes para Formação Continuada. Mas na dúvida, voltemos ao movimento horizontal e auto-

gerido que se proliferou nos idos de 2016 em todo o Brasil. Os estudantes secundaristas se colocaram contra todo o aparato estadual e federal de coerção nas escolas, contra as gestões e muitas vezes até contra as famílias. Tudo isto para defender uma causa que já tem centenas de anos de invisibilização, sucateamento e disputa: uma educação de qualidade. Em 2015 e 2016 (e muito antes disso também) os estudantes do Brasil gritavam por uma educação que valorizasse as discussões e pautas etnico-raciais, de gênero, de sexualidade, de espiritualidades diversas, de espaços e momentos mais interativos e propositivos nas escolas. Após algumas vitórias imediatas daquele momento histórico, o Estado Nacional decreta uma rasteira na Educação com a proposição e imposição de um tal “Novo Ensino Médio - NEM” que caminha toda sua proposta flertando com o discurso excludente, doentio e desumano do empreendedorismo – invenção neoliberal para tentar inutilmente maquiagem mais uma derrocada abismal deste sistema econômico falido que é o capitalismo, sistema este que não basta estar agonizando em leito de morte, quer levar toda a humanidade e vida na terra com ele. As escolas precisam se reinventar, mas para isso os profissionais que a fazem precisam estar sensíveis e dispostos para esta reinvenção. E o Estado deve garantir as condições adequadas para esta reinvenção. Por condições adequadas entenda-se: liberdade de cátedra, laicidade do Estado e de suas instituições, respeito às diferenças de qualquer modo, valorização profissional através de boa remuneração e boa estrutura física dos ambientes de trabalho, bem como espaços fixos e itinerantes de fácil acesso para professors e profissionais das escolas poderem se atualizarem nos temas e demandas apresentados pelos estudantes de 2016 e por estudantes de hoje também, pois num mundo pós-isolamento social por COVID-19, a pauta da saúde mental – já levantada pelos ativistas da Educação Pública, por exemplo – ganha ainda mais destaque e urgência.

371

**Raquel:** De modo bem objetivo, as formações continuadas podem ser pensadas em outros contextos para além da formação de ensino, cito o exemplo de dois cursos que participei, um deles voltado para estudar a dança e o pensamento e outro voltado para moda e o pensamento estético. Ambos os cursos trouxeram conceitos e perspectivas filosóficas a respeito de temas “de fora da filosofia” e sem pensar também apenas no ambiente do ensino escolar. Cursos de formação continuada e também cursos livres em filosofia ou com atravessamentos filosóficos são ótimas oportunidades tanto para profissionais do ensino de filosofia se inserirem em outros ambientes de ensino, como para um público mais geral ter contato com a filosofia. No sentido da formação para os professores de filosofia, quanto mais tivermos acesso a formações continuadas sobre temáticas interdisciplinares, como filosofia e pintura, filosofia e cinema, etc. mais capital teórico e intelectual teremos para pensar nossas aulas e cursos dentro e fora do ambiente escolar/ acadêmico.

*Para finalizar, gostaria de fazer considerações mais livres sobre o ensino de Filosofia com projetos, que não tenhamos perguntado, mas que se faz importante considerarmos nesse momento tão singular em termos de desafios para o ensino de Filosofia no Brasil? Por exemplo, existem interdisciplinaridades no ensino de Filosofia com outros conhecimentos durante a realização de um projeto? Quais suas expectativas para o ensino de Filosofia através de projetos? Fique à vontade para suas considerações finais.*

**Lucas:** Eu acredito em um ensino de filosofia pautado pelos afetos e não apenas pela razão. Não se trata da caduca dicotomia entre razão e emoção ou do falso dualismo entre escolher um ou outro. Trata-se de caminhar junto, de fazer conviver razão e afeto. Eu acredito em um ensino de filosofia que se preocupa tanto com a afetação quanto com o raciocínio.

Abrir o ensino de filosofia para o afeto é também abrir para o corpo. O corpo pode ser um local fértil de experimentação de novas sensações que permitam nascer novos conceitos e pensamentos sobre o mundo em que vivemos.

Uma aula de filosofia deve ser capaz de instaurar outros regimes de temporalidade, tempos fora do eixo, tempos não-lineares que não obedecem a quantificação do relógio, porque mergulham na experiência do tempo como afeto da vida. Uma boa aula de filosofia é aquela que consegue instituir um tempo sem tempo, que é o tempo do pensamento, nascendo de novas ideias e de novos modos de vida.

O ensino de filosofia não pode ser apenas um transmissor de conteúdos, ele deve ser também uma ferramenta de transformação social. A filosofia não é apenas conteudista, e um conceito filosófico não deve apenas ser repetido e mimetizado em uma avaliação. Um conceito filosófico deve ser como um raio que bate em nossas cabeças e nos força a reinventar nós mesmos. Um conceito filosófico pode ser uma transformação subjetiva nos alunos e, assim, consegue promover uma transformação social nas relações. Um conceito filosófico deve instituir outros modos de vida, outras possibilidades de ver, perceber, imaginar, sentir e pensar o mundo.

**Paulo Jorge:** Para mim atualmente, que me reconheço e me declaro indígena de etnia Urubu Kaapor, por conta de meus familiares e eu sermos descendentes de segunda geração deste povo indígena do Maranhão; penso o ensino de filosofia em perspectivas fronteiriças decoloniais e mais importante ainda contra-coloniais. Porém, por mais que haja as dimensões interseccionais nas identidades, não deixo de compreender o ensino de filosofia a partir das diferenciais ou diferenciações. Não digo tanto da ‘diferença’ essa palavra tão má utilizada pelas e pelos deusleuzinaistas. Tão péssimo como as das identidades. Péssimas....porém necessárias em tempos atuais. Em que sentido? Proteção e ‘direitos’ dentro deste suposto Estado democrático.

Bem, o que quero realmente expressar é o prazer que se tem em ler, estudar, pesquisar filosofia seja ela qual for. Seja qual for a linha filosófica, filósofa, pensador, etc...o que mais importa é o TESÃO. “Sem tesão não há solução”, frase simples, porém de suma importância para quem vive em diferenciação. Porque sem tesão não há contágio...não há contato. Pode haver encontro de corpos, sim. Pode haver encontros de linguagem, sim. Entendimento racional e lógico, sim. Mas, pode não ser um encontro potente, em diferenciação e, por isso, pode não ser uma superfície de contato. A pele é mais profunda. Entendo. Estamos em zonas intensivas (bergsonianas, mas também indígenas, encantadas), e se o pensar não for erógeno, ou melhor erótico no sentido das composições das forças libidinais e pulsionais da alma, do eu profundo, ou do encanto expressivo que pede passagem, não há como estudar e ler filosofia de modo prazeroso em se tratar por exemplos tanto de autoras e autores que gostamos ou não gostamos. Para um estado profundo de encanto se instaurar na alma, é preciso além da sua própria abertura, coragem, exposição, também, tesão pelo inominável que se apresenta nas linhas nomináveis da linguagem ou da expressão outra de um texto...isso é tesão. Correr em linhas sem saber a priori

o que está se passando...e deixar vir o que tem de vir e deixar ir o que tem de ir, mas seguir as linhas sinuosas e endurecidas, ... estratificadas e lisas... propulsoras de dores e de alegrias...mas sempre com uma atenção quase espiritual e um esforço intelectual em modos de presença. Só assim é que poderemos gostar de filosofia e de dar aulas de filosofia e proporcionar encantos com as e os estudantes a partir de filósofas e filósofos com os quais diferem da nossa própria linha de trabalho. Touché!!! Essa é a grande sacada, para mim, a partir dos indígenas em sua ciência da encantaria, da intuição em Bergson, do rizoma de Deleuze e a Transversalidade de Guattari. Não se trata somente de estudar e dar aulas a partir das identidades, mas entrar e auxiliar outras e outros, convidar, tantas outras pessoas a entrarem nas zonas difereciais de tantos outras e outros autores da filosofia e afins. Amei concluir com afins. Vínculos são afinidades. Ensinar filosofia para mim, se trata disto: criar afinidades, sejam elas quais forem, mas criar. Como na música, onde a afinidade ganha tonalidades sonoras. Afinar os instrumentos. ... afinação singular de um grupo (o que Guattari chamou de grau coeficiente transversal de grupo). Graus afins de liberdade. Estamos na fissura do contato. Estamos afins!

Gratidão pela oportunidade...

**Paulo W.:** Quero chamar atenção para uma curiosidade que acho muito significativa: o Ceará é o primeiro estado brasileiro a criar uma secretaria de cultura. O primeiro plano estadual de cultura do país foi feito por nós também. E estamos prestes a ser pioneiros no lançamento de um Plano Estadual de Acessibilidade Cultural. Dentre os secretários de cultura do Ceará lembro de pelo menos dois nomes que tem passagem direta ou indireta pela Filosofia e seu ensino: Prof. Auto Filho (da UECE) e Fabiano Piúba (recém convocado para compor a pasta da Cultura do novo Governo Federal – MinC, junto com a nova - e primeira Ministra da Cultura, a nordestina Margareth Menezes). Nesses últimos anos também – quando Fabiano Piúba estava como secretário de Cultura do Ceará (Secult-CE) vimos a Filosofia ser formalmente reconhecida como campo de atuação na cultura pública e nos editais, por exemplo. Isto significa muito. Significa, por exemplo, que a Secult-CE reconhece que um profissional da Filosofia (licenciado ou bacharel) está apto, pela sua formação, a propor e executar projetos culturais em áreas as mais diversas possíveis, bem como especificamente na Filosofia também, guardada as devidas proporções para ambos os casos. Com isto quero dizer que a Secult-CE, por exemplo, já reconhece o potencial amplo de atuação do profissional da Filosofia. Mas as universidades que formam tais profissionais continuam em modelos antigos de gestão e de proposição curricular. Urge a atualização e a contextualização das universidades e de seus cursos com as realidades que os cercam. De modo crítico e autônomo, claro, mas é necessário que as graduações e as licenciaturas, especialmente, se preocupem menos com notas e comportamentos disciplinares para se dedicarem mais à formação de profissionais mais vivos e que sejam capazes de acender, aumentar a vida em seus “alunos” também. Precisamos mostrar que o fogo, como ensinou Heráclito de Éfeso, é transformador. Precisamos de professores capazes de incendiar seus estudantes e que juntos, eles se saibam fogueira capaz de esquentar, promover o encontro para dançar, partilhar alimentos, contar e recriar histórias.

**Raquel:** Pensar o ensino de filosofia em contexto de Brasil, nos força a pensar em contextos bastante inóspitos como a reforma do novo ensino médio, as constantes desvalorizações do ensino de ciências humanas, dentre outros aspectos como a violência em ambientes escolares

situados nas periferias, as estruturas precárias das escolas e universidades. Com a pandemia esse cenário tornou-se mais complexo ainda, com as aulas remotas e necessidades de adaptação de conteúdo. Todo esse contexto, por vezes desfavorável, também faz com que tenhamos que nos atualizar e começar, de fato, a pensar a filosofia de modo mais inter e multidisciplinar, dialogar com outros setores da sociedade, outras disciplinas e linguagens. Pensar de modo inter e multidisciplinar me leva a encontrar outras vias para seguir no exercício filosófico e pesquisa e ensino, mas não me encerrar apenas no ambiente escolar/acadêmico. Os últimos projetos que tenho desenvolvido voltadas para a dança e a filosofia e para a produção do podcast Perdidos na Paralaxe, me dão dimensão da amplitude e multiplicidade da filosofia. Aliado a isto, o fato de não estar inserida formalmente como professora no ambiente acadêmico, me leva a buscar em outros campos um modo de seguir com o ensino e pesquisa de filosofia, aliando-a às minhas outras práticas profissionais, como já mencionei aqui: a dança do ventre, a área de produção cultural e o podcast Perdidos na Paralaxe.

Considero importante mencionar o fato de a própria academia não considerar atividades como podcast e cursos livres como experiência de pesquisa e de ensino na hora de estabelecer critérios de pontuação em concursos. Esse fator acaba por desestimular muitos colegas a buscar pensar a filosofia fora do ambiente de ensino formal. Acredito que não apenas a interdisciplinaridade deve ser mais pensada na filosofia como também é preciso modificarmos critérios de avaliação de pontuação em concurso público, considerando as múltiplas formas e linguagens com as quais podemos trabalhar com a Filosofia.

Por fim, agradeço ao convite para trazer meu ponto de vista sobre o ensino de filosofia e os meus projetos profissionais com a filosofia fora da universidade e da escola. Deixo o convite para que vocês ouçam o podcast Perdidos na Paralaxe e, quem tiver interesse, acompanhar as aulas de dança do curso Poéticas do Ventre a partir do meu instagram @raquelrroch.

**CURRÍCULO DOS ENTREVISTADOS**

*Lucas Dilacerda*

Lucas Dilacerda é Curador e Crítico de Arte. Trabalha com Artes Visuais há mais de 12 anos e é Supervisor de Conteúdo de Curadoria da Pinacoteca do Ceará. Realizou mais de 10 curadorias. Possui mais de 20 textos, críticas de arte e artigos publicados. É autor do livro *Pensamento alienígena: a fabulação de novos mundos possíveis?*. Ministrou mais de 50 cursos e 150 apresentações em diversas instituições de arte do Brasil, tais como: Dragão do Mar (CE), CCBJ (CE), SESC (SP), BREU (SP), Lux (SP), INCERE (CE), TJA (CE), Porto Dragão (CE), RAMA (SP) e MAC (CE). Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com distinção Summa Cum Laude, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Filosofia Clínica, pelo Instituto Packter; Mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC; também é Graduando em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Ceará; e Mestrando em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC. É coordenador do LAC - Laboratório de Arte Contemporânea; e do LEFA - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte. Atualmente, é membro do Corpo Deleuziano do Recife; do GT Benedictus de Spinoza - ANPOF; e do GT Deleuze e Guattari - ANPOF. Vem realizando pesquisas nas áreas de Arte e Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ética, Estética, Filosofia da Arte, Curadoria, Crítica, Clínica, Tempo, Imaginação, Memória, Corpo, Afeto, Política e Arte Contemporânea.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5909467713679553>

*Paulo Jorge Leandro*

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Licenciado e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Possui pesquisa envolvendo as áreas: Fenomenologia, História da Filosofia Contemporânea Francesa e Artes com ênfase em Ensino de Filosofia e Ensino Religioso, bem como, Pensamento Indígena e Metodologias Decoloniais.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6334128861549349>

*Paulo Willame Araújo de Lima*

Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutorado em andamento pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na linha de pesquisa "Arte, Subjetividade e Cultura". Mestre em Filosofia, na linha de Ética e Política da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando o tema da violência a partir de Jean-Paul Sartre. Graduando no bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com matrícula temporariamente trancada. Integrante do Coletivo Kintal de Afetos e do Coletivo Transpassando. Embaixador da Juventude pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC em parceria com o Instituto Caixa Seguradora. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Voluntário no Programa de Extensão Transpassando UECE. Foi Agente Educacional da Busca Ativa, na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME); Estudante da Língua Brasileira de

Sinais - LIBRAS formado pelo CREAECE. Estudante de Teatro, ator e colaborador na escrita do texto de Re-talho, espetáculo com direção de Neidinha Castelo Branco (CPBT-TJA). Foi bolsista do Programa de Bolsa de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU). Foi representante discente no Colegiado de Filosofia. Foi bolsista de Iniciação à Docência (PIBID). Foi bolsista de Iniciação Científica (IC). É arte-educador e audiodescritor mediante estágio educacional realizado no Museu da Cultura Cearense (MCC). Técnico em Finanças pela EEEP José de Barcelos. Produtor Cultural e Coordenador na organização de eventos socioculturais, acadêmicos e artísticos. Coordenador de Acessibilidade Cultural em vários projetos ligados aos Coletivos Transpassando e Kintal de Afetos. Experiente em representações político-administrativas como liderança de sala, coordenação de grupos juvenis e representações estudantis universitárias.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0724572310142273>

***Raquel Rodrigues Rocha***

Pós-doutoranda no Instituto de Humanidades da UNILAB, doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019), mestre em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará(2015), graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2012). Pesquisadora do Grupo de Estudos Teoria Crítica e Educação (FACED-UFC) e do Grupo de Pesquisa e extensão universitária CLIPES (UFBA), onde coordena a linha de pesquisa: Estudos e poéticas do corpo. Atualmente desenvolve pesquisas na área de Filosofia política, história da filosofia, filosofia contemporânea, gênero, ética, educação, estética, cibercultura e pensamento decolonial. Atua na área da dança como dançarina do ventre e idealizadora do Laboratório Poéticas do ventre como desdobramento da pesquisa pós-doutoral com o tema: Dança do ventre e cuidado de si: a constituição de uma estética da existência feminista. Também desenvolve trabalho na mídia digital como produtora e host do podcast de filosofia e cultura pop: Perdidos na Paralaxe.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6933033692361358>

376

**CURRÍCULO DOS ENTREVISTADORES**

*Antônio Alex Pereira de Sousa*

Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Coordena o Grupo de Estudos em Foucault (GEF-UFC) e participa do FILODITEC (Eixo de pesquisa Filosofias da Diferença, Tecnocultura e Educação do PPG em Educação da UFC). Professor de Filosofia concursado da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Desenvolve pesquisa em Filosofia Contemporânea, Educação, Ensino de Filosofia, Gênero, relações étnico-raciais, Ética, Currículo e temas gerais em torno da produção filosófica de Michel Foucault (Sexualidade; Poder; Direito; Racismo de Estado; Filosofia; Saber; Cuidado-de-si; Neoliberalismo; Subjetividade).

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9432362482614655>

*Paulo Willame Araújo de Lima*

Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutorado em andamento pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na linha de pesquisa "Arte, Subjetividade e Cultura". Mestre em Filosofia, na linha de Ética e Política da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando o tema da violência a partir de Jean-Paul Sartre. Graduando no bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com matrícula temporariamente trancada. Integrante do Coletivo Kintal de Afetos e do Coletivo Transpassando. Embaixador da Juventude pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC em parceria com o Instituto Caixa Seguradora. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Voluntário no Programa de Extensão Transpassando UECE. Foi Agente Educacional da Busca Ativa, na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME); Estudante da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS formado pelo CREAECE. Estudante de Teatro, ator e colaborador na escrita do texto de Re-talho, espetáculo com direção de Neidinha Castelo Branco (CPBT-TJA). Foi bolsista do Programa de Bolsa de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU). Foi representante discente no Colegiado de Filosofia. Foi bolsista de Iniciação à Docência (PIBID). Foi bolsista de Iniciação Científica (IC). É arte-educador e audiodescritor mediante estágio educacional realizado no Museu da Cultura Cearense (MCC). Técnico em Finanças pela EEEP José de Barcelos. Produtor Cultural e Coordenador na organização de eventos socioculturais, acadêmicos e artísticos. Coordenador de Acessibilidade Cultural em vários projetos ligados aos Coletivos Transpassando e Kintal de Afetos. Experiente em representações político-administrativas como liderança de sala, coordenação de grupos juvenis e representações estudantis universitárias.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0724572310142273>